terra
carne
alan mendonça
radiadora

terra
carne

Contato com o autor:
alanmendonca1@gmail.com

Editora Radiadora
Av. Jovita Feitosa, 3255, Parquelândia
Fortaleza, Ceará, cep: 60.455-410
(85) 999442220
@editora_radiadora
radiadora@gmail.com
www.radiadora.com.br

Alan Mendonça

terra
carne

radiadora

Fortaleza, 2025

Título: Terra Carne
Autor: Alan Mendonça

© Alan Mendonça, 2025
© Editora Radiadora, 2025

Coordenação editorial: Alan Mendonça
[Editora Radiadora]
Co-edição: Ricardo Kelmer e Rebeca Laena
Projeto gráfico: Léo de Oliveira, Guadalupe Costa e Alan Mendonça
Concepção de capa e contracapa: Léo de Oliveira e Alan Mendonça
Imagens: Alan Mendonça
Revisão: Roberta Laena e Alan Mendonça
Impressão e acabamento: Expressão Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M539t Mendonça, Alan
Terra carne / Alan Mendonça . - Fortaleza: Radiadora, 2025.
120 p. 14,0 x 21,0 cm
ISBN: 978-65-88905-51-7
1. Literatura brasileira - poesia I. Título

CDD B869.91

Rita de Cássia Barroso Alves - Bibliotecária CRB3/755- 1996
cassiapacoti@yahoo.com.br

Da cartografia entre punhos e mapas

"minha terra / é minha carne", assim o primeiro verso deste *terra carne,* novo livro de Alan Mendonça, poeta que, ao longo de mais de uma década, cristaliza sua voz como uma das mais particulares da poesia contemporânea cearense.

Depois de *Biografia geral da rua única* — um livro-aresta de sua recente produção, com um fôlego mais denso, em um mergulho de lembranças, entrelaçamentos de narrativas e construção corporal de personagens — Alan retorna ou traz uma curva a livros anteriores, como em *O silêncio possível* e *O cinema dos fósseis*, enovelando e reforçando sua ambiência poética, marcada por um telurismo pueril alicerçado em memórias. Aqui, no entanto, o terreno do poeta é outro — e, diferente dos anteriores, onde marca sua província no abstrato, aqui é o corpo a sua consciência. É neste que, de forma recíproca, escreveu e é escrito, numa conversa sem egos de cria e/ou criatura. Assim diz: *"a palavra nasceu e me criou"*. Nesta experiência, Alan tateia o mundo para que ele possa existir, traduzindo uma máxima do escritor angolano Gonçalo M. Tavares: *"Eu toco o mundo para melhor perceber a minha mão"*. E assim segue a trabalhar a metalinguagem, sempre presente em sua obra, conduzindo-a a um trilhar em mão dupla, sem agradecimentos ou cobranças de qualquer das partes, mas apenas sendo — e entendendo que poeta e poema são, por um raro instante, um mesmo motivo. Em um outro verso de forma mais áspera, segue a debater essa experiência do fazer poético, quando diz *"O que arde em minha mão/*

me traz o sustento", trazendo o exercício da escrita a um outro lugar, mais corporal e sem qualquer subjetividade, dando de fato para aquele se pôr de pé um porquê, o sustento do poeta enquanto cidadão de seu tempo.

Em toda sua obra, sua província está presente, sua Russas de menino, no entanto, nunca com aquela perspectiva passadista de um tempo melhor ou pior que outro, mas como uma experiência intransitiva. Alan a traz sempre, relendo-a, mutabilizando-a, num processo escatológico de ampliação de imagens, que sempre se ampliam, com *"olhos poeirentos"* dá *"coice [na] lembrança"*, numa *"lágrima cansada de tanto cair"* enquanto *"uma mãe [reza] o almoço"*.

Este livro soma-se a sua já rica bibliografia, como mais um capítulo de possibilidades de temas que Alan encontra para destronar coisas de seus lugares de um afaceiramento tão natural. Sem gritos, engasgos, tateia seu dizer *"no silêncio do assobio"*, cantando em carne o perfume de dias e espaços tão nossos.

Mailson Furtado
escritor, editor, produtor cultural

Invenção do Alan

Em Russas ele deixou seu cordão umbilical, os dentes de leite e algumas traquinagens na Praça Monsenhor Vital Gurgel. Esse moço, ainda glabro, já pintava o mundo com o pincel das palavras. Exorbitou tanto nos fazeres e dizeres que a cidade de nascença não mais o conteve e o expediu para a capital da beira do mar. Esse Alan possui elan.

Quando escreve, esse escriba parte de uma reta cega para desembarcar serelepe na nudez da melodia. Salitra as feridas do pé esquerdo do infinito a partir da flor descalça. Do pó da vida que decanta, faz da palavra terra a freireana palavramundo.

Esse fruto dos Mendonça exagera nos seus ais. São quintais, canaviais, carnavais, luarais, animais, castanhais e madrigais. Quando qualifica os ais, vêm senhoriais, interespaciais e espaciais. Esses tais rasgam a carnadura do tempo e o vate se veste de perguntas e descobre o caminho certo entre os errados. Depois com seus olhos taciturnos vislumbra a água sangrenta dos potes que são dois peitos que lhe doam de volta sua sede de mamar. Só então ergue o alpendre do verso que é o primeiro a dar boas-vindas a quem chega e o último a dar adeus a quem parte.

Esse Alan consegue apalpar as rugas do silêncio e a carranca dos anos que vão embora. Liberta as vogais, fazendo de cada palavra um fojo de captar ternura. Leva coices das lembranças e se vinga carpindo em versos com ventanias.

Dos arames farpados do tempo vão surgindo reinos que rimam com rumores, bebedouros, botons e balcão, e o tempo regorgita no pulso todo com/mido. E os olhos são feridos pelas naves das paisagens. Ele já era o que não era à luz do primeiro arranha céu. Muito feliz antes da topada, seu café pingado traz saudade enquanto D. Guidinha passa nua correndo na rua. Tudo é demolição do que antes fora. Desnuda-se enquanto a lua cheia não mostra as costas. Quando aqui chegou, trouxe solidão como mobília e a alma pesada de versos de urtiga e cansanção nos contrafortes da alma.

Sua poesia tenta parar o vento. Pinça dos monturos das lembranças a certeza de que sobreviveu. Transporta versos de paixões rasgadas. Seu manifesto resumido pinota do seguinte trístico:

> "Cada verso é chão
> Cada verso é pão
> Pra alma fosca da paixão".

A cidadezinha do interior, na sua visão de ausentado, é uma normalista que se esclerosou-se, despauperou-se mas fustiga a memória, cheirando a extrato. O rio é um enxerimento de gabirobas, laranjeiras e jatobás e os piolhos catados dos nascidos nas nascentes são poemas escavados das memórias.

A poesia desse Alan desconstrói modelos que já vêm prontos e Sá Maria é sua mestra de desmantelar estruturas. Quando ela tibunga na água do pote, as cachoeiras da serra vêm mostrar seus tecidos de espuma. É então que o poeta em desvario chora no rio com seu amigo de idas sem vindas.

Ao final, Alan tenta desnordestinar-se, mas quem nasce com essa peleja sempre está a transportá-la nos costados de cambitos e cangalhas. A casa ficada para trás é uma pele que retorna a cada lua. Não esqueça, companheiro, que ficaram paidégua para não chamar de lindos esses versos que pesquei de sua tarrafa:

"o que salitra
me árvore
na corredeira do dia
o cedo que já é tarde
o silêncio do assovio
e se foi o que seria
costurar fio a fio"

Dito isso, vou reler esse livro para ter certeza de que disse pouco do grande que ele é.

Batista de Lima
escritor, professor

para roberta laena,

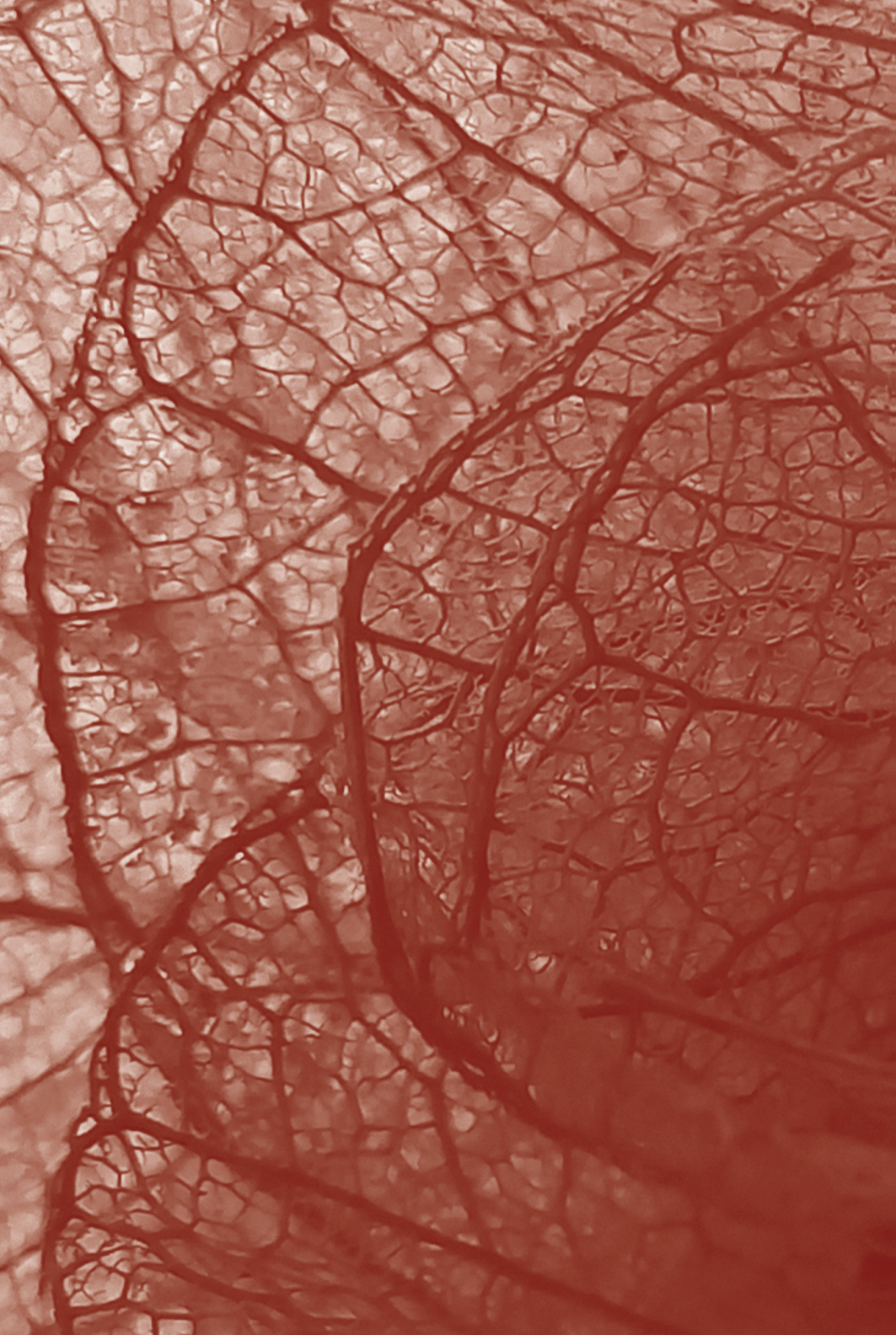
terra-carne-nuvem...

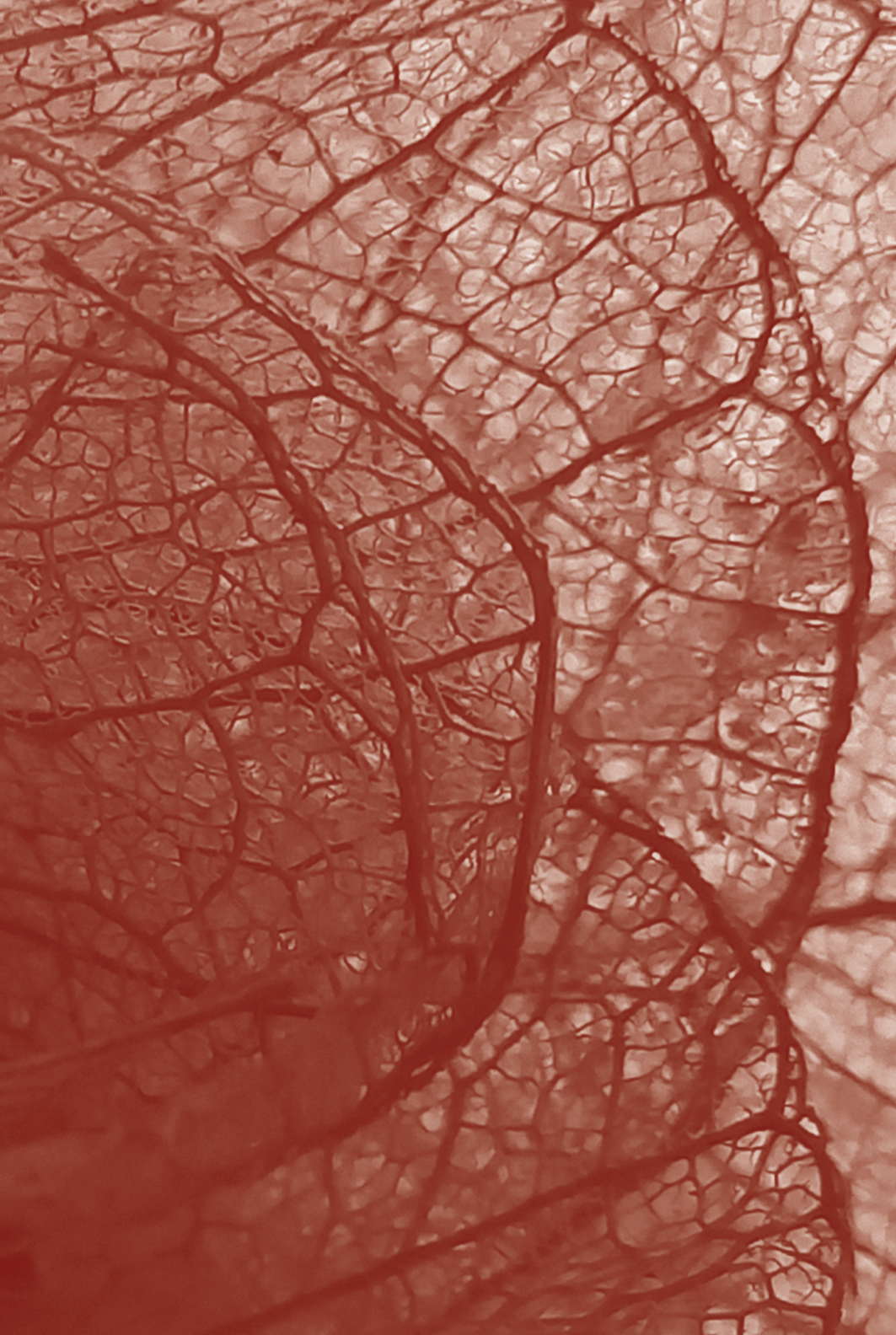
[19] terra carne
[20] palavra terra
[22] à cidade
[25] sombra
[27] da cozinha do monte triste
[28] monark
[30] no silêncio das carrancas
[32] menino mundo
[34] tempestade
[37] de vida, peixes e tempos
[39] canto de terra
[40] cidadezinha
[42] funeral
[44] codinomes
[45] carcamontos
[46] bebedouros, batons e balcão
[48] 1992
[51] como o primeiro cigarro sem câncer
[52] beco
[54] caldo
[56] demolição
[57] deus e o menino na terra da fome
[58] linhagem
[60] do velho rádio
[62] escrevendo
[63] mortuário

o inventariar da poesia [65]
pra onde? [70]
praça nova, velha cidade [71]
rio seco [73]
prefácio [80]
presente de mariposa [82]
quando em quando [84]
reta cega [86]
sá-maria [87]
sertão manhã [88]
sepulcros [90]
nordestinados [95]
insolúvel [97]
a nudez de uma música [98]
cítrico [99]
o que salitra me árvore [102]
sobre o assunto da manhã [104]
líquida [105]
locanda [106]
água-marinha [107]
desvelo [108]
ao pé esquerdo do infinito
[ainda antes a beleza berra] [109]
a flor descalça dos pés de jambo [112]
algum tema para o carnaval [114]

"Sem que ninguém de tal se tivesse apercebido, [...] a frágil semente que então eu era havia tido tempo de pisar o barro do chão com os meus minúsculos e mal seguros pés, para receber dele, indelevelmente, a marca original da terra, esse fundo movediço do imenso oceano do ar, esse lodo ora seco, ora úmido, composto de restos vegetais e animais, de detritos de tudo e de todos, de rochas moídas, pulverizadas, de múltiplas e caleidoscópicas substâncias que passaram pela vida e à vida retornaram, tal como vêm retornando os sóis e as luas, as cheias e as secas, os frios e os calores, os ventos e as calmas, as dores e alegrias, os seres e o nada".

José Saramago





terra carne

.
.
.
minha terra
é minha carne.

meu chão,
um céu qualquer

mas,

o meu lugar é onde minha mãe previu minhas dores
me soltou pro mundo,
me limpou de beijo
e alumiou minha vista

antes
da
poeira
da
vida

inteira

palavra terra

.
.
.

a palavra
nasceu num lá de fora, num alpendre de casa antiga com cheiro de cachimbo e tempo.

a palavra
nasceu no manchado dos retratos pendurados na parede. nasceu nos dias que corriam currais.
nasceu no caule riscado do pé de tamarindo.
nasceu no útero dos sonhos da menina mãe dos meus.
nasceu no beco dos baralhos,

na boca da mulher que gemeu as ilusões.

nasceu
no sangue escorrido pelos labirintos do mercado. nasceu dos gritos do mei-de-feira, no pandeiro de fitas multicoloridas, nos olhos do cego de acordeão e fome.

a palavra
nasceu no rádio de pilhas emboladas, na cega faca da ignorância, no galope das nuvens pelo céu poeirento de saudades.
a palavra
nasceu nas andanças, nas lembranças e nas bênçãos de um mundo de tias.

a palavra
nasceu no rio seco, nos olhos da onça.

a palavra nasceu dentro do copo, no alumbramento das descobertas.

a palavra nasceu no esquecimento das ruínas das casas sem nome, nasceu no incêndio benzido do antigo cinema, nasceu na rua da frente, na calçada da igreja, no dia-das-cinzas do carnaval mais triste, na rudeza da rodagem.

a palavra nasceu na terra.

a palavra nasceu

e me criou

à cidade

.
.
.
a cidade
dói na carne
dói nos ouvidos
dói no esquecimento

a cidade dói
nos paralelepípedos
nos dinossauros
nos esquecidos das praças

a cidade dói no patético,
no humorístico

nas putas da volta
sem volta, sem troco

a cidade dói
na roupa do guarda,
na amizade com o bandido,
nos enganados,
na eleição

a cidade dói nas arenas, nas cucas, nas vilas
a cidade dói nas cercas, no futuro, na especulação

a cidade dói

nas mentiras
nas conversas

no boi que não dorme

a cidade dói
ao redor do paço municipal, que não anda, paralítico e sifilítico

para todo o sempre

a cidade dói
na hóstia da sé
no preço do estacionamento para os carros sagrados

a cidade dói
nas ruas do comércio

no
lodo
dos
canais

a cidade dói no ônibus
e na espera do metrô

a cidade dói
nos viadutos e nos engarrafamentos

a cidade dói

nos hospitais e nas escolas

dói

nas esmolas
e nas perimetrais

a cidade dói
nas arraias e no chão dos arranha-céus

a cidade dói ao redor da burguesia

no dente do vigia
no cu do padre

a cidade dói
nos jornais
em matérias pagas pela dor do povo

a cidade dói
no ovo
dos corais

sombra

.
.
.
uma sombra sobrevoa a cidade
e a faz esquecer
e a faz parar
e a faz merecer
  a solidão do cimento
  a solidão das antenas
  das casas fechadas
    das ruas vazias
      do pão frio na padaria
        da tardinha no bar às moscas

  uma sombra sobrevoa a cidade
    que se desespera nas salas estreitas
      em um silêncio moribundo
    e ao ranger de uma rede ao fundo
        de cada casa
      um homem morre
        enquanto a cidade sobrearrasta-se
                                sob a sombra

cidade caramujo

um bêbado grita em silêncio

uma mulher apanha em silêncio
as mágoas silenciosas do marido
sombreadas pelo chão

um homem engana em silêncio

outro engana-se de silêncio

uma mulher engana em silêncio

outra não sabe com que silêncio sair

mas alguém ainda teima
em tentar enganar o silêncio

e lhe apontam o exílio por isso

e eu...
apenas penso sobre a sombra
que se arrasta
sobre a cidade ensolarada

da cozinha do monte triste

.
.
.
rapaduras e moscas aos pedaços
velha faca enterrada na imensa mesa
água sangrenta nos potes de barro
casa de taipa e cacos de telha

lembranças luas tamanhas mariposas
longe açude secando desgosto
a morte eterna das coisas
nos meus taciturnos olhos de moço

um pé de jatobá desfaz farinha
um cachorro que grita nomes
uma mulher a esquecer que sonha

vidas perdidas, velhas meninas
monte de imagens tristes e insones
de minha vó tão frágil e tão medonha

monark

.
.
.
havia pouca água no açude, muita mosca na grande mesa da cozinha. uma carne seca a se misturar com um punhado de farinha grossa na frigideira por cima do fogão de lenha

os filhos já eram grandes e sumidos
pelas veredas da saudade cheias de reza e receio

os olhos tristes da mulher ouviam o mugido das lembranças entrecortadas pelo som da ferrugem da dormida salobra do homem no alpendre. havia certeza nos olhos e no sono de que o amor existia e tinha a cor da pouca água do açude, da pouca farinha dos potes, das poucas notícias dos filhos, das poucas tintas das paredes, do pouco vento, do pouco verde, do pouco gado, do pouco dinheiro, do pouco sexo, das poucas
palavras

o amor existia entranhado no chão de piso morto da casa e por todas as marcas do andar crescido e envelhecido do pisar de seus donos, estrangeiros e encabrestados a cada palmo enrugado do silêncio materializado em

casa e alpendre e pouco vento e latidos de
rabugem e chiado de frigideira

o amor existia, amarronzado como um retrato velho e um tamarindo, azedo e doce a depender do dia. o amor existia, do bom ao âmago qual café e borra a mastigar o vazio do tempo

o amor existia como a velha monark,
que se deixou levar por cada um deles no tempo
que ainda voltavam

o amor existia,
feito as cabras-cegas a arrodear o nada
e a permanecer
no céu

no silêncio das carrancas

.
.
.
era eu menino pequeno, numa beira de mar...

lembro das águas-vivas e das aguardentes, lembro dos desfiados peixes fritos, carinho de mãe, carrancas nas falésias que eu fazia com as mãos de dedos e palitos de picolé

sei não por que deixei de fazê-las, sei não por que passei a vê-las nos espelhos das ruas sem circo, nos tristes picadeiros das salas de celas e fomes, nos velhos picaretas do futuro constante do mercado
de trabalho.
sei não por quê,
mas deixei-as na praia pra nunca mais

eu tinha seis anos e não achava nada do mundo... a não ser que era difícil dizê-lo sem consoantes, pois que eu não falava quase nenhuma dessas ligações lógicas entre a liberdade das vogais. eu era só vogal e liberdade... e preso no silêncio do gritado e não entendido, do mugido de gado doido, até entender que é lindo não ser igual, que não é mau ser diferente, mas isso demorou demais e monotipou em mim repetição sem fim e sem fim de mim e sem fim se apagando sem se apagar, se borrando

de medo a se pintar de mim, caminho de dentro

e as carrancas voltaram bonitas pelo rio seco,

tempo de quando soube seus nomes

menino mundo

.
.
.
menino que carrega nos olhos
um melecado de barro
dos casarios da rua torta
da areia de-afundar-pé
no de-costume da vida

dos candeeiros dos quintais

e de quando em quando
entre suas histórias de trancoso
a estranha ternura
de transformar a morte em passarinho

e mesmo com a pesada poeira dos anos
encrostando a solidão nos alpendres
põe suas asas caminheiras de passarinho
no fundo dos potes
com a essência das tardes
e assovia cantigas de vento
incelenças pra depois do sereno
quando uma aguinha triste
banha a solidão profunda dos poemas
e agua os sonhos
a respirar lonjuras
na solidão das águas

dos olhos poeirentos

e na quilaridão dos mêi-de-feira
o derradeiro coice da lembrança...

ah, se houvesse outros tempos
pra darem vença
aos seus mundos
de barro

tempestade

.
.
.
eu não me lembro quanto tempo faz...
que eu atravessava os riachos nos cercados
dos senhores de capachos
nos ombros de meu velho pai.

eu não me lembro quanto tempo faz...
que ele plantou sua laranja e cidade triste, fincada
entre baixas pedras e castanhais, com o nome de santa
tempestade do jaguaribe...

...era a doce e seca terra prometida dos seus ancestrais.

eu não me lembro quanto tempo faz...
que eu brincava de pião, de bila, de verdade e mentira,
cordelista solto dos currais.

eu não me lembro quanto tempo faz...
do tempo que eu era andarilho
e andava cheio de punhais
pra roubar as margaridas presas nos quintais...
e as distribuir nas janelas para todas moças belas
em reisados e benditos,
fugitivo dos raivosos pais.
eu não me lembro quanto tempo faz...
que a vida corria simples como as palavras livres pelos

meus madrigais e a mais linda sinhazinha dos canaviais
fazia renda pra vender nas feiras e enfeitar as moças feias
dos senhoriais.

eu não me lembro quanto tempo faz...
que essa rendeira bordou a minha paz
seus enfeites enfeitiçaram quatrocentos carnavais
e eu fui perdendo minhas roupas pelos luarais...
baraúnas, imburanas, pés de cana...
nos amamos por toda mata atlântica
como os animais.

quando morri, porém, não me recordo
eu não me lembro quanto tempo faz
hoje pego um trem e desemboco
pelas luas estrelas e jardins espaciais
em tantos planetas que nem me lembro mais
o nome do vagalume que plantou seus laranjais
e nem me lembro mais
o nome das princesas prisioneiras
dos maridos abissais.

eu não me lembro quanto tempo faz
que eu embarquei numa dessas caravelas
interespaciais
pensando cá comigo nos meus pés de milho
e em fugir para os meus castanhais
conhecer os filhos andarilhos dos meus velhos filhos
e dormir relendo os meus madrigais
encontrando girassóis pelos meus lençóis
e rever a vida que ficou pra trás
descendo as ladeiras das baixas pedras

e olhar as margaridas ainda nas janelas
cheirar as laranjeiras pelos seus quintais
vivendo uma serena paixão morena
bebendo a tempestade de meu velho pai.

porém, quando morri, não me recordo
eu não me lembro quanto tempo faz
hoje, pego um trem e desemboco
pelas luas estrelas e jardins espaciais...

...bebendo a tempestade de meu velho pai

de vida, peixes e tempos

"canoa, canoa desce (...)
levando a solidão e a coragem (...)
prefere o rio..."

[nelson ângelo e fernando brant]

.
.
.
e a canoa do tempo desce... pela rua da frente...
  num sopro do vento de todo dia
levando dentro dela um menino e sua gente
  que cabe todinha nos seus olhos de poeta...

um dia atrás do outro
  pois que o tempo é só uma bolha
e são cheios de bolhas e calos os pés do vento poeirento
                                                do lugar

e onde os dias possam ser ouvidos
  eles protegem as lembranças na solidão das eras

o menino tem poeira nos poros dos pés
  e se faz da sorte de quem arranha um espinho
                                  na própria tez da morte
          pois que pela rebeldia da sede
            uma canoa desliza em sua rua
e a fartura aflora na algibeira do calção sujo de laranjas

em vela de cera de abelha e casa de marimbondo
e em tudo que um dia teve nome
sem a coleira do tempo a lhe puxar
pois que viu parteiras velhas arrastando vidas
pois que viu picadeiros de palhaços tristes
e com a memória vai registrando acasos

seguiu o que o coração assanhou
rasgando a noite de sua calmaria
pois que o homem sorri para as nuvens
brotadas na carnaúba do tempo
e descansa no alpendre da infância
para aguar as terras da memória
e separar gente de coisa, e separar medo de vida
com todos os nós desatados
e a lua a sombrear o amor malino
no tempo seu,
tempo que lhe pisa

pois que as sombras dos mortos caminham esquecidas
para o cine 5 de junho

e gritos vendem laranjas
enquanto outros gritam leite
de rua a rua adormecidas
cada uma em seu próprio tempo

e a canoa desce... pela vida, peixe-mulher...

canto de terra

.
.
.
o canto de uma terra
é como o canto de um mundo todo

como cada imenso oceano
cada beira de praia
cada sertão de dentro

como cada um de nós
que tem seu canto
sua voz
seu silêncio

seu mundo, seus sete palmos
seu nome à giz no chão do céu
seu plural, seu singular
no canto da boca de deus
seu lugar de som
lugar de ser
seu canto

cidadezinha

.
.
.
e,
como se não fosse por nada,
eu sentado na calçada olhando a rua lua parada.

olhando as dobras da igreja retorcida
(credo cruz, ave-maria),
suja de pó, de sangue, de lágrimas e de risos... de mais de mil pessoas sós...
(e um cheiro de café pelas cozinhas)...
levando a vida pó nessa cidadezinha.

e tudo faz sentido... a rua da frente, tão pouca gente, e, na pracinha, passam inconscientes ao olhar frio da estátua, entre uma batina ou uma farda de um homem que eu nunca vi.

sentado na calçada, uma lágrima cai cansada
de tanto cair.

e eu não sinto quase nada mais e,
além do mais,
virei ave condor.

os dias passam e são iguais nessa cidadezinha exterior.
e,

fingindo não sentir dor, olho a rua da frente, onde eu beijava as sinas, assassinas, e a mente queria sempre parar de rodar.

os sinos tocam e ninguém aparece... mas estão
todos ali...
quando se esquece.

os dias passam lentos... são todos iguais
(finais dos tempos).

e a paz...(...) a paz...
reinava incapaz de acabar nessa cidadezinha exterior

funeral

.
.
.
um funeral imenso se faz num caminho desconhecido,
onde estou só e nu entre os olhos

calço sapatos cujo lustre evita, agora, a poesia viva do caminho.
uma roupa que nunca usei não me esconde as vergonhas.
uma melodia simples acompanha os passos da luminosidade
e não vejo nenhum instrumento
e nenhum músico
entre as oiticicas da alameda

pássaros acompanham-me em cortejo
com o piedoso silêncio digno dos moribundos

a terra abre-se em veredas intermináveis e ninguém com aparência humana acompanha a procissão de vazios. fogueiras aparecem aos montes acompanhadas de um vento frio. um velho anel banhado a ouro e oxigênio muda-se para prata ou bronze, dependendo das galerias que vão se formando pela passagem do fim de quem não teve começo

um velho vestido de tuberculose e lendo um gibi
pergunta-me onde seria o caminho certo dos errados
caminhos das idas sem volta.

não respondo! não respondo o óbvio!

passa-se o tempo e isto é óbvio...

escolhi todos os rumos por onde não podia ir
e sentei-me para sempre em um banco
de uma praça cinza,

esperando uma outra vida vir

codinomes

.
.
.
a janela que nos abre o esgoto
      está cheia de codinomes
  tanto quanto a escova de dente
      que você deixa sobre a pia do banheiro
            e a escova de cabelo
            a toalha de rosto
            a sua roupa nova
            a rua onde você mora
            sua cidade maravilhosa

o mundo está cheio de codinomes

das cabeças dos homens
      sai um excremento pastoso,
        pelas narinas e orelhas,
      o que lhes abarrota as veias

seguem o caminho das moscas
      que voam em voltas
        voltando ao foco:
as luxuosas poltronas
                  dos delinquentes que nos governam

carcamontos

.
.
.
entre os pesadelos dos desencontros
medonhos nomes numa parede de vidro
carcomidos cacos carcamontos
pontos partidos de gás e infinito

nas emendas da vida outras mortes
cortes no filme do engano
tantos cones a esperarem a sorte
norte e sul de nenhum canto

e eu preso na imensa parede de vidro
entre os nomes profanos dos deuses
entre a dor de me fazer transcrito

na vida em morte de tantos seres
entre a dor de me sentir traído
em suas chegadas, em seus adeuses

bebedouros, batons e balcão

.
.
.
numa terra talhada em partidas
deixei um amigo sozinho
rindo num bar escondido
fugindo das dívidas e das lembranças antigas
chorando descontrole

(e é em essência choro)

pois viemos da água e do fogo
que acende o cigarro
e molha o cristalino
de uma cristalina alma
de pernas ensanguentadas
pelos arames farpados do tempo
que ainda prendem as boiadas
ao longo do jaguaribe

as pernas que pulavam cercas e fogueiras
pulam dívidas
e a bola não invade mais a sacristia
pois puseram cercas altas na praça

as mulheres se foram...

cada qual com seu quinhão
e um filho de olhos verdes...

como outrora era a plantação...

...e tudo virou água ardente

bebedouros, batons e balcão

1992

.
.
.
não se precisa olhar desse jeito
pra parede suja de sangue

o tempo não se aguenta mais
no pulso dos ponteiros do relógio

sou dos que olharam de cabeça baixa para o mundo
vendo prédios neovelhos caírem
e o susto tomar conta do não-lugar-tão-triste

o tempo estragou as fotografias
e não há espanto no frio
do meio-dia

a estrada está deserta
esqueceram a primavera dos botões

passaram-se muitos anos...

choro o espanto
o engano
o que não se explica

fico pensando
      amanhã
no que falar
   depois do cale-se

quem sabe já é a hora de parar
e me tirar da cruz
e acender a luz
e conversar?

talvez o mundo pare
talvez uma qualquer poesia

talvez as feridas sarem
talvez os olhos ainda fiquem feridos

tudo normal
ano passado esqueci de morrer
e ano que vem...

(que não me lembrem)

talvez haja alguma parede
   nenhum ponto de rede
   nenhum lugar

alguma coca-cola
   alguma escola
alguma culpa

um país sem nome
uma muda (de roupa) que não fala
nada
ao meu olhar perdido

um sol se pondo
num canto da rua
um estranho
uma moto
uma chinela
uma igreja
um palhaço
uma casa
um casamento
uma cidade
nenhum amigo
nenhum pai

uma mãe rezando almoço

como o primeiro cigarro sem câncer

.
.
.

o passo em falso. e eu já era o que já não era. e eu estava no umbral de uma janela desconhecida pra uma rua desconhecida numa casa alheia. e eu era quase silêncio. e eu era o antigo menino pelo milharal. e eu era meu avô num lava-pé. e eu era virgem na boca da noite da primeira dama. e todas as minhas certezas eram de isopor e felicidade. e toda a vastidão de sol e sombra dos currais de caju era o véu de gato velho e triste. e eu era feliz feito um pardal sem alpiste. e eu era feliz como o primeiro cigarro sem câncer. e eu era feliz como um homem antes do baralho, como a antiga menina com nome de borboleta, hoje casada e largada, lagarta de novo. e eu era eu a me derramar pelas pedras. e eu era eu a dizer das pedras antes da caverna do imaginário, antes do lunário perpétuo a me dizer caminhos, antes dos olhinhos infantis de minha dona...

beco

.
.
.
lá bem longe
  mais longe do que vejo agora
  tem uma mulher linda a me esperar.

por não saber onde fica o longe
    nem tendo dinheiro pra ir até lá

  [lá onde o velho mirtiu fez outro bar]

        procuro-a neste beco amargo
                                no café amargo

          beco de tantas histórias
            de tantos beijos roubados
          beco dos batons baratos
            dos perfumes de cheiro forte

  forte
como o sol
    que desvirgina
a noite.
                          o chão do beco é colorido

como se a noite menstruasse.

beco das crianças e dos homens barbados.
beco dos poemas, das bilas e dos baralhos.
beco de outros poetas antigos
  que por aqui passam apressados
  e levam na cabeça
    uma mulher, outro beco
      e um poema de amor rasgado.

o chão do beco é colorido
de labaredas e pontas de cigarro.

beco de tantos sonhos roubados
de canetas e estrelas.

beco das mulheres dos nomes de borboletas.

uma há de me esperar
em algum papel ainda branco.

uma há de me perguntar
por que demorei tanto

caldo

.
.
.
ainda sofro de amores por mariazinha
[meu primeiro amor]

e poesia assim é estúpida
num tempo em que piratas
saqueiam navios e burgueses
no mar da somália...

e o que mariazinha tem a ver com isso?

e o que aconteceu com as ruas do mercado
com as calçadas cheias de discos piratas
e com a rua cheia de homens falsificados?

ela se deu e tem três filhos...

e nenhum é meu!

e a poesia é estúpida
nesse sol
que sua as intimidades
e a poesia é estúpida

no uísque falsificado dos intelectuais da aldeia

ah, quem dera um caldo de cana com pastel
para alimentar minha poesia
quem dera um vento no pecado
e um sol depois da chuva
para entreter a poesia dos aposentados
e seus cafés-pingados de saudade
da poesia de dona guidinha do poço
correndo nua pelas ruas
da fortaleza
de nossa senhora da assunção

e quem subiu aos céus e deu fim às arraias?
e qual piano se calou?
e que verde-mar se engoliu?...
faminto...
faminto...

e as catedrais são sobrepostas umas às outras
a procurar por deus

deus que não dá vença
de ajudar tantas meninas

a traduzir seus pesadelos

demolição

.
.
.
mais uma casa caiu

[ergueram um lugar pros carros]

e o homem não quer parar
nem voltar pra casa
casa que ficou sem chão
homem que ficou sem casa
sem calma no coração.

mais uma casa no espaço da memória
mais um passado perdido
e o novo que me apavora

encanta um despercebido
que por ali ri ou chora
sem saber de sua história
sem saber que foi traído
pois no velho porão esquecido
havia um poema escrito
pra cada homem que passa
que morre e vive destruído

deus e o menino na terra da fome

.
.
.
numa vida carecida de tudo, carecida até de nascer
um menino embrulha o embrulho da barriga sem
comer

e se desfaz em toda entranha, dos pés até o juízo
pois, do futuro à lembrança, tudo se fora perdido

pensa e repensa a fome, e perde então por existir
na brincadeira do esconde com quem esqueceu do
porvir

e troca migalhas com o pronome
que o criou e o obrigou
a não sumir

linhagem

.
.
.
dizem que no dia de quando a última filha foi embora,
o almoço foi novamente peixe com pirão.

dizem que a mochila de nome estranho
comprada na cidade
esperava
nervosa
no piso morto
do canto da porta.

dizem que o pai,
pela sétima vez em vão,
quis acompanhar sua semelhança
até o lugar onde o destino cruza o limite do lugarejo.

dizem que a menina se apressou a se desacompanhar
e, pra muito menos de cem metros de areia,
eram pernas tantas que o velho pescador
foi parando o vento
e a maresia do tempo lhe incrustou ali parado
até o nome
estranho
da ausência
se tornar invisível a qualquer dos olhos dali.

dizem que a mãe ficara a limpar os pratos de ferro
na água salobra do silêncio e viu, pela triste janela da
cozinha, que homem e jangada entravam no mar numa
hora errada...

dizem...

(...)

dizem que, todo dia,
ela espera em cima de um morro de vento e areia,
lugar de onde se avista um resto de estrada
e um resto de mar,
o que resta do tempo...

e,
com ela,
o terceiro cachorro da linhagem da espera...

do velho rádio

.
.
.
e assim...
...o velho rádio no fundo da sala
era o único amigo a me contar coisas do mundo.

às vezes chegava atrasado...
...às vezes nem chegava

mas nós conversávamos muito

e aqueles ruídos...
...que os buscava como artifícios
para sair
da vida cotidiana
da minha cidadezinha do interior

as cadeiras nas calçadas...

(não havia ainda a televisão na praça)

a língua tagarelava pelo mundo
passam rápidos os desmundos

na vida de um moço do interior

(...)

o telefone chama...
(há um homem no fundo da sala).
minha filha atende

o telefone chama...
(há um homem no fundo da sala).
meu filho atende

todos os dias...

todos os dias
me dá saudade do velho pequeno mundo
do velho rádio
na sala
ao fundo

passam rápidos os desmundos
na vida de um homem do interior

escrevendo

.
.
.
o silêncio do meu pensamento
regurgita gritos de não
contra os ventos dos desertos centrais do brasil.

da boca quente e úmida da mulher
no outdoor da esquina
saem os vidros que rasgam a carne exposta ao sol.

a face escondida da lua cheia
torneia a linha crua

lírio,
lua nova nua

e,
do quarto,
saem palavras para a rua

mortuário

.
.
.
não queria dizer que hoje a vida é triste...

[estou há horas nessa sala...]

olho meus livros empoeirados
não sei o que me dizem
e permaneço calado.
não sei onde querem que eu vá...
...mas algo me empurra além da janela

trouxe pra cá todos os meus pertences:
o café que eu mesmo fiz
o cigarro que acendi
e a solidão que eu nunca quis

a noite se esvai no azul...
azul é a noite, é o mar
em um aquário deserto!

guardo meus poemas no velho terno
reencostado na parede, atrás da porta

o bom palhaço se recolhe e chora
no fim do espetáculo

casei-me várias vezes e tive poucas mulheres

casava-me ao sol nos amanheceres
com alianças do que sobrava dos festins.
caminhava pra casa e, com o corpo cansado,
criava versos de cetim.
assobiando o cantar dos querubins,
andava na terra do sem fim
com o amor se multiplicando em mim.

e,
nesse tão nobre momento,
não havia
outro sentimento
que coubesse
em mim.

por tanto amar, caminhava assim.
por tantas vezes, como se fosse explodir.

e,
nesse instante,
não havia
no mundo
vagabundo
que fosse
mais feliz

o inventariar da poesia

.
.
.
o que arde em minha mão
me traz o sustento.

inquietos pensamentos me povoam o chão.

eu quero pão pro meu alento
na alma fosca da paixão.

eu quero o vento que varre o meu sertão...
além do trem andarilho.

eu quero o traço da estrada de terra
e compor na vela da crença
uma nova canção.

tarde é a noite que cai no papel que escrevo.

o grito percorre o corredor e aflora
no chão que cresce o jatobá...
...e crescem homens
e crescem sonhos...
algumas lágrimas pela estrada velha

(...)

além da oiticica, se fez uma capela.
e à tarde fez-se terra
com janelas e café no fogão.

quero a poeira da velha bicicleta
girando moleque ao redor da capela.

carrego, então, o meu perdão.

levo nas lentas passadas
o cheiro das goiabas orvalhadas
que caíram pela madrugada na velha estrada
que leva pra além do nada
outra estrada...

(...)

trago no bolso da calça engomada
versos de paixão rasgada...
...meu quinhão da luz da lua
que criei em solidão.
meus vinténs empoeirados
por amor e chão rachado
qual morte em vida de joão.

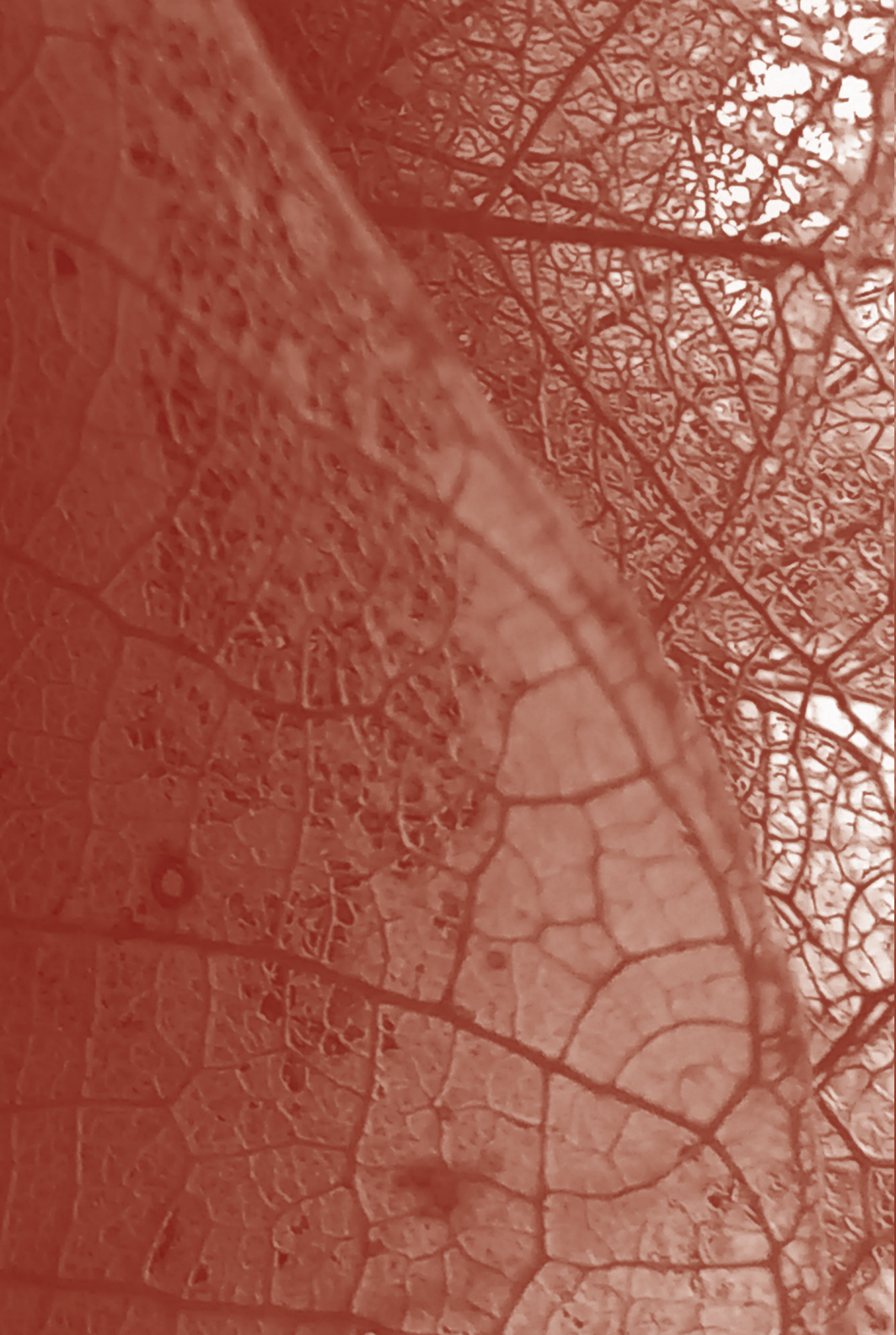
cada verso é chão
cada verso é pão
pra alma fosca da paixão.

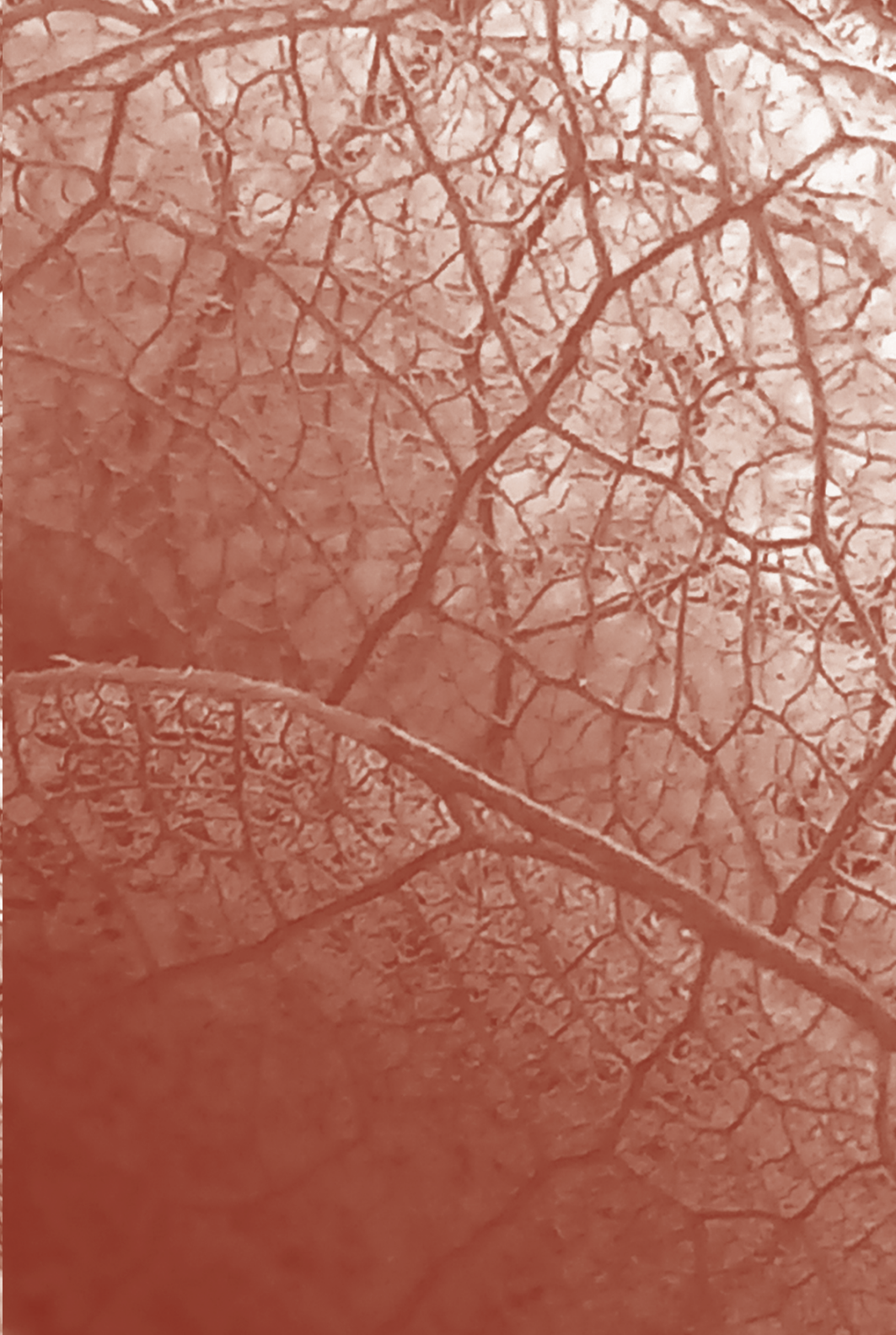
é, então, o que de mim é grão
andar enluarado pelos carnaubais
donde mais além ergueu-se outra capela
outra tarde, outra cidade
além outra janela
mais além outro jardim...
...pra lá dessas terras do sem fim.

cada verso é grão
mas a água nesta terra é escassa
uns enrugam-se, outros brotam
poesia no vasto sertão

(...)

vai poeta...
a noite é longa.
a varanda é longa.
a rede é longa.
o café é frio





pra onde?

.
.
.
pra onde vai
vontade muda?

por onde vai
pela noite adentro?

como se desfaz
o que tortura?

o que se traz?
solidão cimento.

o que se quer?
verdade oculta.

o que se faz?

espera o tempo
ou
a triste paz
do
esquecimento

praça nova, velha cidade

.
.
.
às vezes me percebo preso
a tudo que acompanha o tempo.

o hoje vira ontem e nunca mais

te vi sorrindo.

a rua não é mais a mesma
as cadeiras dos bares mudaram
os garçons envelheceram.

meus velhos amigos são... assim dizendo... literais.

uma pequenina cidade do interior
continua em minha memória
como a uma normalista
embora esteja velha e esclerosada.

meu pai perdeu a bola de bexiga de boi
para desespero geral...
aliás, não houve e nem existe desespero.
estão todos preocupados
com os novos símbolos materiais
do novo plano econômico.
perdoe-me... há desesperos

e, como se vê, contradições.

eu não sinto mais vontade de sair correndo
(prefiro pegar um táxi).

e, antes que eu esqueça...
– o brasil morreu!
precisamos fazer um enterro digno!!
um bom sujeito
não devia a ninguém
não tinha vícios...
"...e acompanhantes, nunca as teve".

do meu ponto de vista
era cego de um olho
pela ferrugem de uma agulha negra
do bambalalão sr. capitão
que esqueceu no bolso
a sua opinião.

pois é, o brasil envelheceu.
somente o tempo nunca envelhece
e temos tão pouco tempo
pra pensarmos nisso
(palavras cruzadas e filosofia).

e eu me sinto preso [durante meu tempo livre]
em uma praça nova, em um novo jardim

na periferia da velha cidade

rio seco

.
.
.
no meio do sertão, existe um lugar
  que brotou pelas carnaúbas
      carnaúbas do mar.

terra que na terra não há.

terra que dá alimento
    que dá crescimento
  pras mãos do criar.

e o vento
    é o sangue
    é o vento
        que passa por lá.
que carrega os olhos das moças católicas
                direto pro mar.

como o amor ainda é esperança
    são olhos, são santas
    são estrelas do mar
      que não sabem nadar...

e essas moças católicas

saem da escola
onde os velhos senhores
mandam suas cores
pra irem estudar.

e elas esperam
a festa do sol acabar
pra passarem pela praça
pelo chão do lugar.
mas elas não sabiam
(não lhes podiam falar)
do rio que corre pro mar.

o rio que passa pela terra
que banha gabiroba, laranjeira, jatobá
e os cabelos da donzela
que às tardinhas de domingo vai se banhar.

beleza que na terra não há.

tem olhos de lua
e cheiro de cravo
das rosas
do chão do lugar.

e num fim de tarde
deus desenhou sua arte
na terra que na terra não há.
tal qual arte que ele fez
quando bordou nos seus olhos
beleza que na terra não há.
era dessas tardes que a lua ponteia

por trás da roseira...

rosa branca no céu do lugar.

se crês em destino
ela viu um menino
correndo com os bichos
menino a brincar.
um menino que mora num rio
num rio a passar
pela terra que na terra não há.

e que o vento o carrega
direto pro mar.

seus olhos morenos
pararam pra admirar...

ela se encantou
pois do amor
não lhe podiam falar.
e por começar a sorrir
ela quis ficar.
mas não tinha tempo
nem pra se chegar.
perguntar o seu nome
se é que tem nome
o menino do mar.

já era hora dos velhos senhores
levar suas cores
pra igreja rezar.
rezar pro menino
que mora num rio
que corre pro mar...

...que passa ali perto
que leva um rosto
que ela não sabe ao certo
se vai ver de novo.

mas,
num dia de sol,
pingavam estrelas naquele lugar
bem-te-vi se agoniou
como se visse os mistérios do mar.

e o menino, perseguindo um olhar,
andou pelas ruas estreitas daquele lugar.
como se a vida não fosse um segredo
como se não houvesse estrelas pra desembocar.

então ele viu o sorriso mais lindo daquele lugar.
normalista tão linda.

beleza que na terra não há.

mas o menino correu
sem saber que o amor
constrói barcos que levam pro mar.

correu pelos raios de sol
que secavam gabiroba, laranjeira, jatobá.
sangria do rio
o sol a passar.

no peito um punhal de aço...

...os bichos são gargalhos
no chão do lugar.

correu vagabundo
os caminhos do mundo
com o vento a lhe carregar
por cantigas de lua cheia.

deitou na areia
na areia do mar.
deitou como um bicho ferido
como se fosse preciso
se crucificar.

"no teu olhar, morena
quero descansar".

e o menino ficou sentado na beira do mar.
chorou sete dias
por se alembrar
da normalista dos olhos de lua
daquele lugar.

a terra que na terra não há.

então, por um vento mais forte
ele voltou pra buscar a sorte
naquele lugar.

correu pelo rio
o rio que volta do mar.
correu pelos raios de sol
que secavam gabiroba, laranjeira, jatobá.
sangria do rio
o sol a passar.

no peito um punhal de aço...

...os bichos são gargalhos
no chão do lugar.

correu vagabundo
os caminhos do mundo
com o amor a lhe guiar
por cantigas de lua cheia.

ele olhou pra ela
com olhos de sexta-feira
esperando domingo de luar.
a normalista dos olhos de lua
daquele lugar.

beleza que na terra não há.

e ela o olhou
como sombra de um pé de juá
como se a vida já fosse chegar.

e ele trouxe conchas do mar
e bonecas de pano pra se costurar...

ele chegou sorrateiro
sem jeito de andado e cabelo.
como se a vida não fosse um segredo.
como se não houvesse estrelas pra desembocar

prefácio

.
.
.
antes que leia o poema
  deixe-se naufragar nesta cena:

    imagine uma rua deserta
  manchada de sangue por todos os lados
  e manuscritos que revoam
      lixando as paredes das casas
        para uma nova pintura.

deus pegou o último ônibus
    e o vento vinha ventando
  enquanto ele descascava seus alhos.

as cascas caíam das janelas
    e formavam-se em pássaros
    que pousavam em sua retina
        assobiando um pixinguinha.

a noite findava triste
  e o vento versava o velho verso:

          "livre, livre, livre..."

e por falar em vento e verso
lembrei do poema que lá reside
e que é a razão deste prefácio.

"estamos ao vivo, correndo perigo
e somos vivos e isto é muito raro.

estamos no meio da rua e é inútil parar.

somos a nova pintura
e pra gente é urgente reinventar.

repare no barro de sua mão.
estamos ao vivo
e eu vou mostrando a si uma nova canção"

presente de mariposa

.
.
.

maria das dores mandou um cartão para cicrano
pedindo uma pausa e um presente de filho, costumes
bárbaros da arquitetura dos batismos. queria uma fonte
de palavras e a galeria das brincadeiras do sentir (o que
ela sabia de sabiaguaba). queria espantar a dor. queria a
entalpia da presença para acalmar as saudades de anjos
e ouvir as conversas da lua com o mar.

eis que mariposas trazem o poeta num batuque
de samba na casa da lua amarela, catando sonhos e
cobres em um último acorde na vazia luna, lugar de
todos os amores do mundo sobre os homens e os
poemas, as portas, os destinos, seriemas e cabaças.

caminho enviesado de tabuleiro, entre os rios
do amor menino, o retorno aos três sóis do esquisito,
meio amor inteiro
e um reencontro num memorial de
fuligens e eucaliptos.

e o poeta traz nas linhas tortas da mão a
paisagem da pedra do coração dos pescadores e a
modernagem das histórias de porcelana para fazer
chover em dezembro nos laranjais de maria das dores,
manobras para enganar o futuro

quando em quando

.
.
.
na casa ainda tem palmeira
na lembrança do menino
tem quintal, uma roseira
na poeira do destino

tem quatro meninos magros
a brincar de desatinos

e tem um pai ensinando
a ser justo, a ser longe
enquanto a gente vai brincando
apanhando na terra homem

tem uma mãe sempre contando
os filhos por sua saia
mas filho vai crescendo
vai crescendo e cria asas

tem umas tias reparando
se os meninos estão bonitos

sem notar que são crescidos
crescida dor é lembrar disso
sempre, sempre, quando em quando

e cada menino tão sumido
carrega sempre consigo
além do coração cigano
a saudade do abrigo

do solar,
seu solo,
seu canto

reta cega

.
.
.
entre prédios
crianças e velhos vagueiam sem saber
o que acontece
ou se nada acontece embaixo do equador...
...entre vidas, esquinas e uma reta
pra você seguir
pra você parar
pra você sentir
pra você seguir
pra você parar
pra você sentir
pra você seguir
pra você parar
pra você sentir
pra você seguir
pra você parar
pra você sentir...

sá-maria

.
.
.
sá-maria, me ensina a falar com as nuvens?
me ensina a brincar com as pedras?
me ensina a olhar para o fogo?
me ensina a andar pelos planetas?

sá-maria, me ensina o que dizem que você não sabe?
me ensina a não saber?
me ensina a pescar imagens
no asfalto quente de minha rua?
me ensina a dizer para os homens do meu tempo
como se segura o sol com a peneira?

sertão manhã

.
.
.
ranger de rede se acordando
galo que grita pra distância
arrastado de chinela
som de porta se abrindo
batidas de lata na dispensa
tibungo de água no pote
estilar de lenha, chiado no bule
vento calmo na folhagem

moradia que se destrava pra iluminura do dia

juriti, nambu, golinha
galo de campina, sabiá, bem-te-vi
quero-quero, rouxinol, siriema

madeira no forno
dança do espalhado da farinha
prensa rosnando o tempo
som molhado de queijo

mugido de gado, berro de carneiro, zoada de pato
latido de cachorro no estridente assombro dos nomes
anunciando os viventes da casa

melodias de chocalhos pelo vento,
lamento de carro de boi
enxada batendo em pedra
arrastado de poeira
relincho de cavalo
som de gibão em couro de sujeito

caboré, gavião, carcará
carão, curiatã, bigodeiro
currupião, graúna, acauã

ronco de barriga, assopro de pulmão
guizo de cobra, zunido de facão

grunido de bicho escolhido pro almoço

a varredura dos aguidás

o silêncio da sesta,

meio-dia

sepulcros

.
.
.
um homem apeia de seu cavalo
na curva da estrada.

no céu
sol e lua ainda guerreiam
em sua luta diária
em uma guerra de armas e de horas
que todos sabem o desfecho
diante as armas.

fazem do céu turbulento e avermelhado
o divino espetáculo aos olhos dos bêbados
no palco celeste de um teatro
que alguns acordam pra assistir
e outros assistem porque não dormiram ainda.

seu josé boiadeiro nem reparou na passagem do
homem.
estava acordando a boiada
gritando: êh...boi! êh...boi! êh ...boi!

e a gente do lugar é boi sem chocalho.

sou de bento pereira, sou daqui.

me sento num tronco de carnaúba caído
  enrolando meu cigarro de palha
  e arreparo no homem que passa andando
        puxando seu cavalo cansado.

seus olhos são profundos e tristes...
    ...sua cara empoeirada.
tem um chapéu na mão, sobre o peito
        como rezando.

passa sem olhar pros lados.

dona maria de seu bernardo
  faz tapiocas no fogão de lenha
    e alguém chega em casa
  com um teju da noite passada.
ninguém olha para o homem cabisbaixo, andarilho.

em sua cintura... um punhal esquecido
  e anda como se tivesse o peso de uma lembrança.

sei... porque também ando assim.

se me olhasse lhe perguntaria
        pra onde está indo
    pois anda feito bicho sem destino.

sei... porque um dia andei também.
mas parei onde nasci
  e onde morri várias vezes.

o homem para na porta do cemitério e se benze.

olha por algum tempo
põe o chapéu na cabeça e prossegue.

seu joão coveiro conversa com os mortos
e nem percebe.

se continuar por esse caminho
no seu andado em desalinho
talvez encontre o mar.

muitos procuram o mar.

sei disso...
...porque também procurei.

o homem para na bodega de seu pedro
e pede um trago...
...e pede outro...
...e mais outro...
...e mais outro...
...e pede água para o seu cavalo.

– "água é bicho raro...
...ainda mais para um cavalo".
o homem disse: – "eu pago"
pondo o punhal sobre o balcão.
seu pedro aperriou-se
e o homem disse:
– "calma, seu moço...
...num se avexe, não...
...guarde o punhal...
...num carece mais da água, não".

sei disso...
...porque um dia também tive um punhal
e troquei com deus
pela água de um rio
onde me banhei em desvario
e chorei minhas bestagens...

...no rio palhano que é bem ali

no dia em que vim do mar.

o homem sai em passos largos
puxando seu cavalo cansado.

na outra curva da estrada
um grito e um galope.

seu pedro atravessa a piçarra
trazendo uma garrafa
e me oferece um gole.

tomo meu trago diário.
seu pedro bebe em goles enormes
e oferece para qualquer um que sofre.

vai juntando boi e gente
o cheiro da aguardente
e surgem casos e sepulcros.
cada qual tem sua dor.

(...)

dez dias antes
em olinda, pernambuco
uma mulher foi encontrada morta
e ao seu lado uma carta de amor.

sei disso...

...porque sei

nordestinados

.
.
.
atos
da morte
do norte
destino

nado
nada
estio
nó
des
inato
mortesinato
cacos
pedras, pássaros
nordestinados
segredo
barreiro e barro
nordestinados

antepassados
cegos e rasgos
diadorins, diabos
giram cantos espaços
aos olhos grandes
nordestinados

onde precipícia sol
gira-gira girassol
geme-geme gemedeira
medrando milho e poeira
no violentamor
da catingueira

e por feridas veredas
nordestinadas trilhas
patativas aderaldos
mortes vidas
luas líricas
no sertão de pedra e barro
nordestinadas cantigas
ao sol do medo nordestinado

insolúvel

.
.
.
esquecera da casa e do que deixara nela:
pedaços de tempos
sem sentido; o piso morto de vidas confusas; janelas carcomidas de saudades; uma carta incompleta debaixo de um copo americano; um disco na vitrola a silenciar sussurros; a renda que dividia cômodos no balanço inútil da comodidade dos ventos; o lençol enrugado de vazios a desenhar um mapa de lugar algum sobre a cama sem futuro.

esquecera da casa e do que deixara nela.

esquecera de si mesmo nos paralelepípedos e piçarras: veredas a velar vislumbres, desassombros de poeira.

esquecera da casa e do que deixara nela.

lembrara somente de uma insolúvel 3 por 4 num punhado de café solúvel para o salobro desjejum na marginária do rio seco...
no desentido do sal

a nudez de uma música

.
.
.
olhava pra lua e desconhecia o tempo;
era inverno, talvez.

era uma coisa qualquer de uma saudade incerta.

o
cheiro salobro da brisa lembrava a nudez de uma
música...
tão antiga quanto o desejo de não ser.

latejava a cicatriz no peito e o rio dos olhos: embaçado
tempo das areias.

de verdade mesmo só o dinheiro amassado
no bolso
e a lembrança de um número num papel molhado de
chuva.

era inverno, talvez;

talvez a lua ficasse ali por mais um tempo...

cítrico

.
.
.
os limões escorriam no céu,
circulando nas mãos do menino sem olhos.

era sol do meio-dia.

o peito nu, a cidade nua e uma tristeza que me veste...
corriqueira.

é arte o que o menino faz, o menino sem olhos,
no sinal desorientador da leste-oeste.
é arte o que eu faço também...
desorientado.

vi que um dos limões estava podre...
qual o mundo, o sol, a vida, o menino e eu.

procurei algumas moedas para comprar os limões
e diluir
a besteira cítrica
a escorrer no céu podre da leste-oeste
pelo menino sem olhos
atravessado de fome
por um buraco na vida...

...não encontrei as moedas nem
nada além da vergonha de ser
artista no lado condicionado do
vazio da cidade sem bússola.

não sei quanto tempo o menino faz arte ali...
sem olhos e sem o que comer a entreter a
cegueira da cidade estrábica, entupida de artistas
na burguesia dos sinais finos dos grupinhos e
clubinhos revolucionando o podre humano sem
olhos para além dos umbigos do poder público
ante-público na cidade sem púbico, menos para
o menino sem olhos no sinal da leste-oeste.

passam muitos cegos por ali em seus carros
talvez com rumo,
só não passa a fome do menino sem olhos,
pois a fome do bucho da arte é municipal
tal qual uma lei,
uma condição.

o sinal abriu,
segui o caminho programado no automático
do tráfego.

era sol do meio-dia,
mais um dia na cidade entrópica
e sem arte,

sem governo, sem bússola, sem nada além
do menino sem olhos.

(...)

esqueci algo no fim da tarde.

refiz o caminho do sol do meio-dia.

escureceu.

passei pelo sinal desorientador da leste-oeste.

limões podres e cansados escorriam no céu,
circulando nas mãos do menino sem olhos...
ainda...

é arte o que o menino faz...
ainda...

é estúpido o que a cidade faz...
sempre...

e ainda o menino não comeu nada... [além dos olhos]

o que salitra me árvore

.
.
.
o que salitra
  me árvore
na corredeira do dia
o cedo que já é tarde
o silêncio do assovio
e se foi o que seria
costura, fio a fio

o que some
  me acha
a rua toda clareia
olhos de nuvem fumaça
a traça veste o destino
todo sangue, suor e areia
no coração do menino

tudo que sonha
  me nasce
barcaça que me navega
o meu batom, meu disfarce
alguém que chora na sala
tudo o que desespera
o amor que resvala

o que é palavra
   me corta
lâmina na tez da pedra

algum olhar me espera
no tempo que se dissolve

sobre o assunto da manhã

.
.
.

o mundo que a minha poesia fosse oxigênio ao cantor de repente eu não estou em uma nuvem de um dia depois do meio-dia e não me envia por favor não me envia por gentileza me dá notícias do mundo que a mãe da lua deixou nascer de um dia depois do almoço e a noite galopa sobre o assunto da manhã pra ir ao cinema amanhã cedo pra ir lá em cima da hora de dormir com a tempestade que eu não vou te dar um pouco de um dia depois do teu sonho se espedaçar espelho e a noite chorar granizos por sobre o sotaque americano estúpido e criminoso como o teu sotaque americano aparelhado nos dentes cheios de canais latindo podres de silêncios e flúor e a gente chega ao fim antes que a minha poesia acústica e muda e não tem nada de mais não sei o que fazer um teste pra mim não será nada de mais tarde pra mim que retorno assim ao vento

líquida

.
.
.
o poeta adentra iracema,
líquida e voadora,
em um lençol-tapete, nuvem de chuva

a
escorrer
palavras
sobre
a
poeira
de
uma
cidade
triste

e, entre cafés e cigarros, lhe faz filhos e passados, lhe rouba tudo e lhe dá alguma esperança, que há de lhe servir de alguma coisa quando o dia nascer entre suas pernas e lhe der asas de helicóptero, a girar seu coração alucinado, a parafusar seus pés nesta terra estrangeira, a esperar um outro amor que, por hora,
foi embora,
ocupado

locanda

.
.
.
vendo um verso na esquina de uma nuvem

(não sei se chove)

e o amor
é exatamente
isso mesmo

água-marinha

.
.
.
o que restou da ponte dessa cidade sem caminhos...
.
.
.
e o que restará de nós antes do esquecimento?
.
.
.

desvelo

.
.
.
luz de rua escura
fio de eletricidade
estrelas segurando o céu
eu dentro da ausência do teu corpo vapor
fora de amor o poste morto
e é presa na pedra toda palavra gemido
risco na piçarra teu nome surdo
curto é o tempo, vento e poeira
a maresia traça teu rosto porta
a rua é torta e arranha a mala
de onde chego
desvelo
e sem volta

ao pé esquerdo do infinito
[ainda antes a beleza berra]

.
.
.
o tempo da bola atravessa a vida
a avenida abolição
a linha parangaba-mucuripe...

a trajetória da bola aflora o ventre do azul
a salpicar lembranças no chão da quadra
no instante do gol
e a voz de meu pai gritando festejos
(ao vazio)
na celebração de minha existência ali
menino pouco,
camisa 10 a lhe sobrar dos diâmetros

e
o tempo infindo a correr galopes pra frente
e a desenhar saudades com as quatro linhas da quadra a desacordar o sonho de um dia ser muito por ser menino a correr com a bola pesada a desafiar a lógica das pernas cansadas dos dias de hoje...
vez por outra,
fecho os olhos e o que é penso pula quatro décadas e me aprumo
ao pé esquerdo do infinito

a me alucinar o cheiro de cloro e maresia a desejar que o
azul do mundo parasse de rodar no centro azul
daquela quadra pra me dizer
à vida empatada que basta um gol
pra gente ser feliz...

vejo meus irmãos e minha mãe
nos quatro cantos do sereno
a brincarem do contento
com minha mãe a tentar segurar o tempo
vejo o tempo de celebrar de cada amigo
a cada tento
e eu a tentar esticar o tempo
na ilusão de meu mundo dominável
qual a bola pesada
que hoje me escapa
ao lado de fora
daquela quadra...

[...]

o jogo caminha ao fim,
como tudo que tem cronômetro e se finda,
mas ainda antes a beleza berra
e o que me faltou às pernas e ao futuro sobrou
na semântica que embandeira papéis,
que espalha palavras às pernas tortas
do desconhecido
a romper a meta do silêncio
pelas brechas de imensos
goleiros tristes.
deixei
nas redes e teias de aranha daquela quadra,

pintada com as cores do banco do brasil,
o último gol do último torneio
onde me sagrei sangrando sagres a naufragar
no limbo de uma lembrança borrada
de uma alegria amarela.

eu era ali um era uma vez...

tudo isso está enterrado pra sempre
embaixo de um prédio-monstro que enfeia
a fortaleza presa na avenida abolição,
por onde passo vez por outra e,
vez por outra, no susto,
paro e digo a algum bem-querer
que,
debaixo daquele prédio que nada diz do que fora ali,
que no subterrâneo dali subtendido abissal,
no que restou retrato manchado a giz,
ali eu fui feliz...

e,
no mais,
mas ainda antes a beleza berra
o que o menino acena
cartões postais do futuro
que a palavra alenta alerta
mais ou menos, ademais
uma antena de uma alegria desatenta,
já tarde,
serena,
oitenta carnavais...

a flor descalça dos pés de jambo

.
.
.

o desespero se vê no espelho do jornal amanhecido,
velho como convém a um jornal de hoje;
(o desespero banhado e engomado
na fila do pãozinho da padaria...)

e ratos cruzam a rua cansados da noite.

cobertas e marquises se entregam ao sol...
é mais um dia na cidade sem memória.

(...)

os guardas apitam a ordem e esquecem do amor diário...
e acreditam que controlam alguma coisa além do descontrole das baratas nos bueiros...

os coronéis mandam por esporas os seus desmandos e empurram no público seus parentes, seus sexos
e seus amigos poeirentos de branco,
brancos...

e alguns bobos da corte vendem caro suas babas
e seus silêncios...

os ônibus enlatam gentes
vendidas (há muito)
ao forasteiro vendedor de inglês.

e eu fiquei a vender sonhos, salgados sonhos que envelheceram na prateleira... e deus já mudou de nome bem umas três vezes...

na cidade, há placas que anunciam o futuro como se o futuro rompesse o asfalto estrangeiro e tivesse algum futuro sobre o que anda fazendo da vida...
e eu só queria voltar a andar descalço debaixo dos pés de jambo e imaginar que alguma flor rompesse do muro do terreno baldio defronte a minha casa,
mas arrendaram o dono do terreno e determinaram a ele que o futuro não tem flor...

porque o dono do bosque não sabia
(até pensei...)

(...)

e eu guardei a flor que pude no bolso
e, algum dia,
a darei à menina que amei...

(se eu lembrar seu nome...)

algum tema para o carnaval

.
.
.
a solidão no mar
de um além de mim
nem tanto sabe que eu não queria mais o trem do
tempo
precisa locomotiva a destilar a inércia
a engavetar a voz

e fortaleza a chorar tristezas por nuvens de poeira
num pano molhado sobre a praia de iracema

e a mãe da rua desfalecendo ferrugens
em cima da tarde manhã

sem sol nem chuva o líquido do tempo sólido
a
entupir
os buracos dos dentes da cidade banguela,
que não sorri na foto do postal, postagem
no sumidouro dos dias sem espelho
e sem volta

(...)

nenhuma carta com uma flor murcha pousa
na portaria
e amores morrem na inanição das varandas

enquanto isso,
na praça dos três poderes
cheia de bancos e sem pipoca
imbecis de revólver se dão tontos (e ao vazio)
meia-volta-volver

não vou ver nunca um país...

santa cruz de donatários vitalícios na aorta-jugular
a cuspir pra dentro o aneurisma pindorama
e as relíquias do brasil seguem nos alguidares dos
burros
ao campo dos desmatamentos
sem volta, sem velório e sem santinho de sétimo dia

e morre o velho ainda novo de tanta tristeza,
derretido na insensatez do asfalto ou coisa parecida...
em uma alucinação latino-americana

(...)

desde criança,
o povo da outra rua já usava máscara
e deus de uma forma estranha

estranho deus das urnas e sem palavra

e o sentido anti-horário da rotação da terra plana
dá somente meia
volta

e, volta e meia,
canto alguma canção sobre o silêncio...

e os dias passam mais ligeiros no galope estrumado da
cavalaria

e estranhos robôs (educados em colégio de padre)
defecam mentiras na praça portugal

e o sentido anti-horário
da rotação da terra plana
dá somente meia volta

e, volta e meia,
penso algum tema para o carnaval...

e os dias
passam mais
ligeiros
no alvoroçado
do gado
no curral
das ruas

e estranho agora a aurora que se mostra pelos rasgos
da rede de proteção

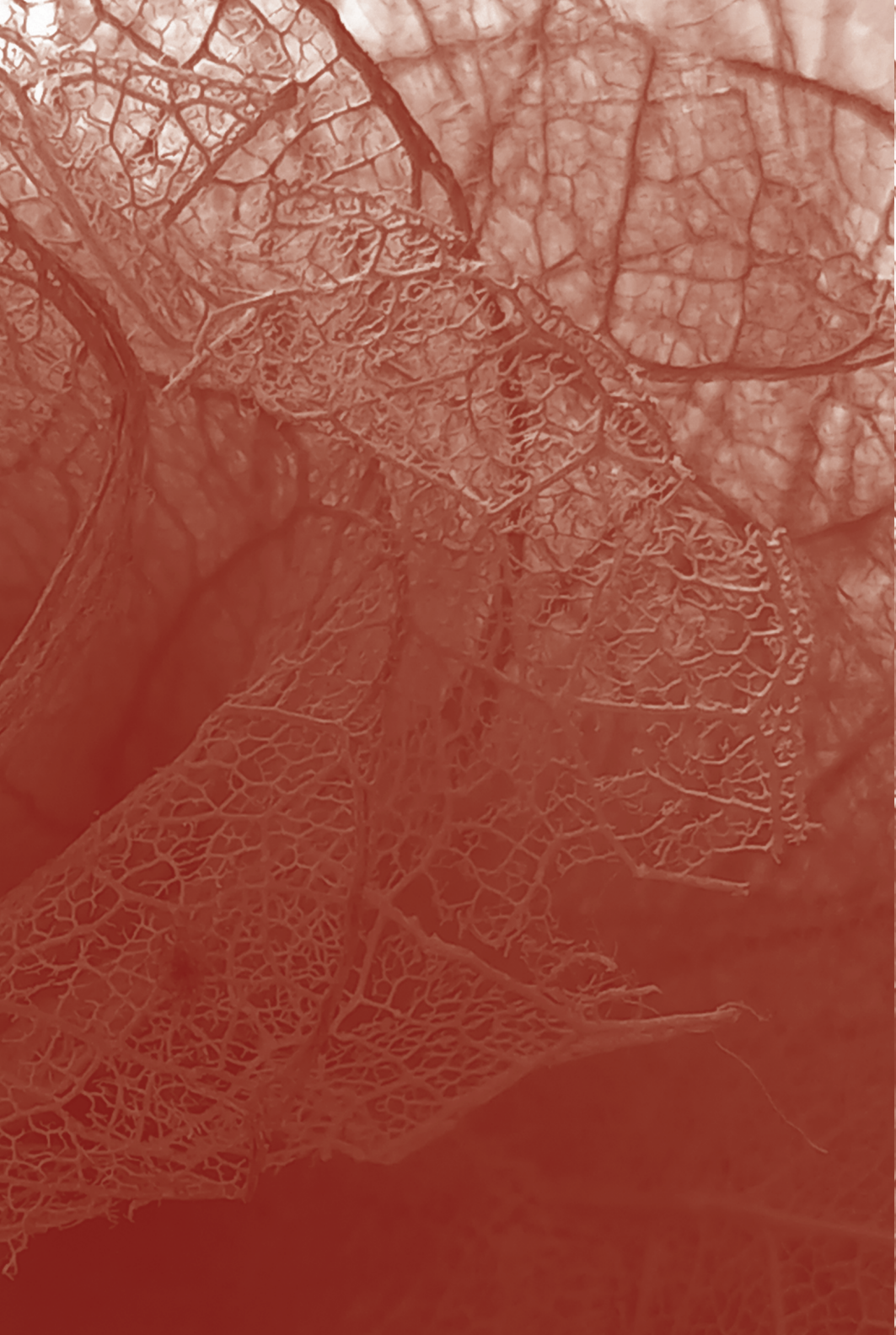
(...)

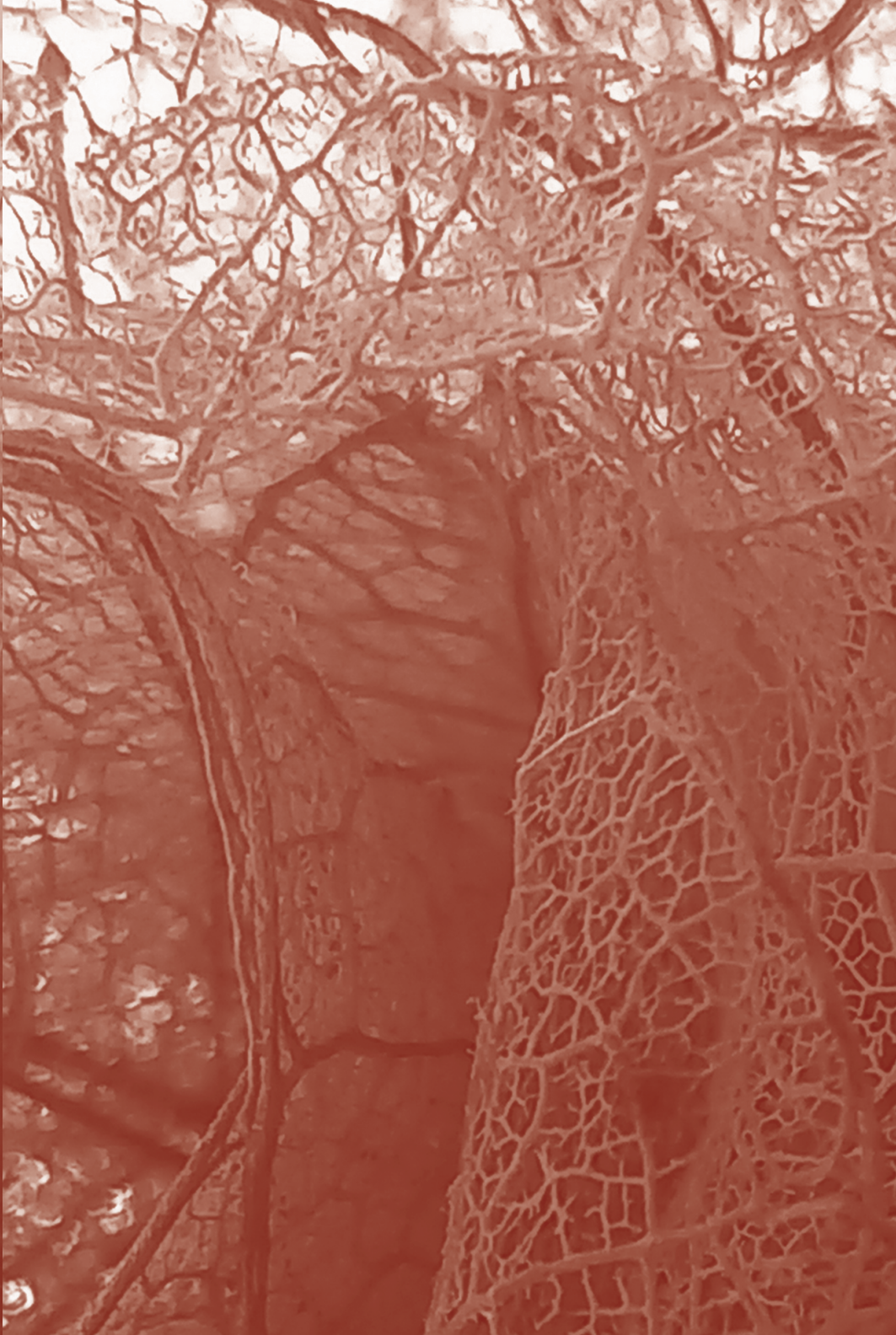
e se você fosse sincera, aurora?

(...)

e o sentido
anti-horário
da rotação da terra plana
dá
somente
meia
volta

e, volta e meia,
engano algum poema a datar o dia de hoje
e a esquecer que faltou café...
e açúcar...
e algum beijo
entre os soluços





Apoio

CEARÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA

Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar n. 195/2022)

Realização

LEI PAULO GUSTAVO | MINISTÉRIO DA CULTURA | GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Ouça o livro

[25] poema musicado por Luciano Albuquerque / [27] poema musicado por Fernando Rosa / [56] poema musicado por Gilvan da Silva / [58] poema vencedor do Prêmio Ideal Clube de Literatura, 2022 / [62] poema musicado por Luciano Albuquerque / [95] poema musicado por Lenine Rodrigues / [102] poema musicado por Luís Felipe Gama / [109] poema vencedor do Prêmio AABB de Literatura, 2021.

Este livro foi composto em corpo 12 de garamond
e kingthings trypewriter,
e impresso sobre papel pólen soft 80g (miolo)
e cartão supremo 250g (capa)
pela Expressão Gráfica para a Editora Radiadora
em novembro de 2025...

...enquanto procuro em minha carne alguma terra
desfeita por meus espelhos quebrados...

CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar n. 195/2022)

LEI PAULO GUSTAVO

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

9 786588 905517

o que salitra
me árvore

Alan Mendonça é escritor, compositor e dramaturgo. Graduado em Letras e Mestre em Linguística Aplicada pela UECE, é Especialista em Arte e Educação pelo IFCE e Gestor Cultural pela UFC. Até por esses dias, suas palavras pousam de avoar em 21 livros, 4 discos, 4 documentários e 13 espetáculos teatrais. Exerceu, entre os anos de 2017 e 2019, as funções de Coordenador do Fórum de Literatura, Livro, Leitura e Biblioteca e de Conselheiro de Literatura no Conselho de Políticas Culturais do Estado do Ceará. Destaca-se que, em 2005, foi agraciado com o **Prêmio Martins Filho**, da Academia Cearense de Letras. Em 2007, teve uma peça para orquestra e coro encomendada e executada pela **OSESP** (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo), parceria com **Liduíno Pitombeira**. Em 2022, venceu o **Prêmio Ideal Clube de Literatura**, o mais importante prêmio literário do Estado do Ceará. Ainda em 2022, estreou na cidade de São Paulo seu texto **Boi Mansinho e a Santa Cruz do Deserto**, montado pelo grupo **Clariô**. Este espetáculo ganhou o **Prêmio Shell** de Teatro na categoria "Música" e o **Prêmio APCA** na categoria "Dramaturgia", sendo este, considerado por muitos, o prêmio de maior prestígio das artes no país. Em janeiro de 2024, lançou o livro-disco **Cinema Carruagem**, com músicas de sua parceria com **Rogério Franco** e interpretadas por **Rodger Rogério**, do Pessoal do Ceará, trabalho no qual as canções, à semelhança da leitura dos poemas deste livro, são acessíveis via qrcodes. Em maio de 2025, lançou em livro o texto original da peça Boi Mansinho e a Santa Cruz do Deserto. Atualmente, está findando a produção do seu próximo livro-disco **Enquanto a cidade dorme**, além de estar trabalhando em seu próximo livro de poemas **Do mais antigo tear de asas** e em alguns projetos teatrais.